

82.09
P8969
251
C9256 9217

Mudar código

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º **00114551**

Data **04 / 03 / 05**

() Compra (X) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

QUESTÕES SOCIOLOGICAS EM VIDAS SECAS

PONTES E LACERDA – MT
2004

DAIANE DE PAULA ROCHA PRADO

QUESTÕES SOCIOLÓGICAS EM VIDAS SECAS

Ensaio monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obter o título de graduada em Letras.

Orientadora: Antônia Selma de Oliveira
Câmara

PONTES E LACERDA-MT
2004

DEDICO

Ao meu esposo, que com amor e dedicação, sempre se fez presente nos momentos mais difíceis, estimulando-me a persistir em busca de meus ideais.

A minha filha Brenda, que com sua ternura me fez acreditar que todo esforço vale a pena.

AGRADEÇO

A Deus por mais essa vitória.

A minha orientadora Antônia Selma, pela dedicação no decorrer deste trabalho.

Aos meus pais, por serem meu porto seguro, em momentos de tempestade.

Às minhas irmãs, por acreditarem em mim.

Ao meu irmão, por proporcionar-me momentos agradáveis.

A minha amiga Margarida, que sempre me apoiou, oferecendo sua amizade e atenção ao longo destes anos.

SUMÁRIO

I – Resumo	04
II – Introdução	06
III – “Vidas Secas” e o Materialismo Histórico	07
IV – Do Regional ao Universal	11
V – Questões Sociológicas em “Vidas Secas”	15
VI – Considerações finais	24
VII – Referências Bibliográficas	25

RESUMO

Este ensaio monográfico foi organizado em quadro teórico, momento histórico e a análise da obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, na qual nos propomos a discutir sob a ótica do Materialismo Histórico, para analisarmos a questão capital-trabalho dentro da referida obra.

O referencial teórico citado nos possibilitou visualizar a obra “Vidas Secas” sob uma visão sociológica, uma vez que Karl Marx revela-nos a historicidade inscrita nas relações, nos processos e nas estruturas sociais, fundamentalmente econômicas e políticas que envolvem os movimentos e os antagonismos dessa formação social.

No decorrer desta análise discutimos questões inerentes ao antagonismo de classes presentes no nordeste, bem como em todo país. Fato este que muitos acreditam ser de origem regional, não sendo possível ao homem interferir nesse processo.

Todavia nos foi possível constatar por meio de teóricos como: Andrighetti, Andrade e outros que a seca fator tão divulgado pela mídia, não é a responsável pela pobreza da região e sim fatores políticos e econômicos é que determinam o flagelo social.

Para pensar a relação entre a obra “Vidas Secas” e o Materialismo Histórico fizemos a bordagem sociológica de como ocorre o processo de formação da sociedade capitalista e como se assegura a reprodução do modo de produção nessa sociedade, enfatizando que as instituições igreja, família e escola desempenham papel determinante nesse processo.

Discorremos ainda quais são as consequências das injustiças sociais na vida do trabalhador nordestino que sofre com a seca, a miséria e a discriminação. Em busca de amenizar esse sofrimento muitos migram para os grandes centros urbanos, sonhando com a oportunidade de trabalho, porém vão engrossar a massa de desempregados, acarretando inúmeros problemas de ordem social, no lugar onde chegam.

Vítima de um sistema excludente e injusto a classe trabalhadora é submetida a exploração e péssimas condições de vida, resultado do modelo econômico e político adotado pela cultura ocidental, pois o próprio sistema que produziu o migrante não consegue absorver a totalidade dessa mão de obra que vai permanecer desempregado nas Metrópoles.

Assim neste ensaio monográfico nos foi possível constatar a ampla visão social de Graciliano Ramos que além de mostrar-nos as mazelas de um povo “castigado pela seca”, o regional, trata das injustiças de um sistema global que é voltado para os interesses das oligarquias que estão estreitamente associada aos detentores do poder político.

INTRODUÇÃO

A opressão de uma classe sobre a outra e as condições animais que “vivem” os personagens leva-nos a analisar “Vidas Secas” a partir da ótica Marxista como sendo um romance proletário. Publicado em 1938 “Vidas Secas” é o último romance de Graciliano Ramos, e de acordo com os críticos literários, o mais diferente, o único realizado em terceira pessoa, e o único em que os capítulos parecem “peças autônomas” encaixando-se de forma descontínua e com raro talento artístico.

A montagem do enredo, formada de treze capítulos que se justapõem sem nexos lógicos, organiza-se primeiramente pela proximidade entre o primeiro capítulo, “Mudança”, que mostra-nos a chegada da família de retirantes a uma velha fazenda abandonada, e o último, “Fuga”, a saída dessa família, que diante de um novo período de seca foge para o Sul. Este encontro do fim com o começo forma um círculo sem saída, que fecha a vida esmagada da família de retirantes. Percebemos assim a ampla visão social de Graciliano Ramos, que utiliza temas locais, a seca e o coronelismo, para atingir o universal presente na riqueza humana de seus personagens, pois não é a seca que está sendo evocada e sim a relação capital-trabalho onde uma classe social está subjugada a uma outra classe. Assim sendo, o autor esculpi o ser humano universal a partir de um contexto regional brasileiro.

VIDAS SECAS E O MATERIALISMO HISTÓRICO

Acredito que a literatura desempenha papéis sociais, pois além de nos oferecer acesso a arte, a cultura, tematiza problemas e conflitos do “homem” em sua sujeição, a sociedade. Assim estaremos analisando “Vidas Secas” a partir do pressuposto teórico sociológico, no materialismo histórico que é uma teoria científica que afirma que, nas lutas de classes, não é o homem isolado que faz a história, mas as classes sociais, isto é, são essas forças comprometidas nessa luta, o motor da história. O marxismo aponta o caminho para uma investigação universal e completa do processo de nascimento, desenvolvimento e decadência das formações sociais e econômicas, examinando o conjunto das tendências contraditórias e concentrando-as nas condições exatamente determináveis de vida e de produção das diferentes classes da sociedade.

Como materialista, o filósofo alemão Karl Marx, sempre demonstrou por meio de suas obras uma crítica radical em relação à sociedade capitalista e seu meio de produção. Segundo a ótica marxista, a sociedade capitalista de produção esta alicerçada sobre as relações econômicas e políticas, pois ambas são importantes nas relações entre as pessoas, grupos e classes. Todos os trabalhos de Marx são direcionados a interpretação de como a sociedade capitalista mercantiliza as coisas (produto de trabalho), bem como as pessoas e as transformam em mercadorias.

Como parte do modo de produção, há relações de exploração e dominação da burguesia, que são os donos do capital que controlam os meios de produção e compram a força de trabalho sobre os explorados, proletariado, que possuem apenas a força de trabalho que é vendida ao dono dos meios de produção, em troca de um salário. Assim Marx define classe social como:

*(...) grupos sociais antagônicos em que um se apropria do trabalho do outro por causa do lugar que ocupam na estrutura econômica de um modo de produção determinado, lugar que esta determinado fundamentalmente pela forma específica em que se relaciona com os meios de produção.*¹

A relação de antagonismo ocorre em todas as épocas históricas e faz parte de

¹ HARNECHER, Marta. *Os conceitos elementares do materialismo histórico*. 2ed. São Paulo: Global.1983. p. 157

todos os modos de produção. No capitalismo o antagonismo está fundado nas relações econômicas, enquanto determinação estrutural, e o sistema de mercantilização e de mais-valia acabam por tornar-se a essência da sociedade. Assim compreendemos que todo trabalho humano não pago, transforma-se em lucro nas mãos do capitalista, o proletariado por sua vez, é quem produz o capital ao produzir a mais-valia, configura assim, os atritos entre essas duas classes. A primeira luta para estabelecer-se, enquanto a segunda nega o capitalismo e luta para criar uma sociedade sem classes no socialismo. A preocupação com essa problemática fez com que Karl Marx, a partir de estudos já feitos por economistas e historiadores, reformulasse a teoria da luta de classes, acrescentando o conhecimento da origem dessas classes.

No que me diz respeito, nenhum crédito me cabe pela descoberta da existência de classes na sociedade moderna ou da luta entre elas. Muito antes de mim, historiadores burgueses haviam descrito o desenvolvimento histórico da luta de classes, e economistas burgueses, a anatomia econômica das classes. O que fiz de novo foi provar, que a existência de classes somente tem lugar em determinadas fases históricas do desenvolvimento da produção; que a luta de classes necessariamente conduz a ditadura do proletariado; que esta mesma ditadura não constitui senão a transição no sentido da abolição de todas as classes.²

Observamos que a expansão do capitalismo gerou muitos conflitos sociais, um deles foi a divisão social do trabalho, em que o trabalhador era explorado pelo capitalista, segundo Marx para mudar essa situação é preciso que a classe operária se posicione e lute politicamente pela destruição do estado burguês. Porém isso só é possível se existir consciência de classe, essa consciência está diretamente ligada à situação que cada classe ocupa na produção social, assim para reconhecer-se como operário é preciso afirmar-se como tal e principalmente, reconhecer o proprietário dos meios de produção que apropria-se do seu trabalho.

De outro lado, o capitalista para afirmar-se precisa não só apropriar-se do produto do trabalho excedente, mas também reconhecer o produto de valor excedente, a mais-valia, que aparece na sua consciência como lucro, essas são as relações básicas de dependência, geradas pelo capitalismo.

No que se refere a teoria da luta de classes seria um erro pensar que Marx não implicou o Estado capitalista como expressão e condição dessas mesmas relações

² MARX, Karl, *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1992. p.14

de antagonismo. Quando nos referimos às estruturas jurídicas e políticas, que expressam as

relações de produção, estamos nos referindo a 'superestrutura' da sociedade, ao poder estatal. Todas as contradições fundamentais do capitalismo envolvem o Estado, como núcleo da sociedade civil. Já no início do capitalismo, a burguesia ascendente tende a usar todo o poder do Estado para acelerar a produção do capital e, ao mesmo tempo, destruir ou incorporar os remanescentes do feudalismo.

No transcurso da produção capitalista, desenvolve-se uma classe trabalhadora que, por educação, tradição e costumes, aceita as exigências desse modo de produção como leis naturais evidentes. A organização do processo de produção capitalista, em seu pleno desenvolvimento, quebra toda resistência; a produção continua de uma superpopulação relativa mantém a lei da oferta e da procura de trabalho, e portanto o salário em harmonia com as necessidades de expansão do capitalismo; e a coação surda das relações econômicas consolida o domínio do capitalismo sobre o trabalhador. Ainda se empregara a violência direta, a margem das leis econômicas mas doravante apenas em caráter excepcional. Para a marcha natural das coisas, basta deixar o trabalhador entregue as leis 'naturais da produção, isto é, a sua dependência do capital, a qual decorre das próprias condições. Mas, as coisas corriam de modo diverso durante a gênese histórica da produção capitalista. A burguesia nascente precisava e empregava a força do estado, para 'regular' o salário, isto é, comprimi-lo dentro dos limites convenientes a produção de mais-valia, para prolongar a jornada de trabalho e para manter o próprio trabalhador num grau adequado de dependência.³

Como vimos, a teoria marxista sustenta que em toda sociedade há três níveis que articulam entre si: o nível econômico, o jurídico-político e o ideológico. Portanto na sociedade, a ideologia tem como função assegurar uma determinada relação dos homens entre si e adaptá-los à sua tarefa fixada pela sociedade, ou seja, destina assegurar a ligação dos homens na estrutura geral da exploração de classes, fazendo com que os explorados aceitem sua condição, como algo natural, fundada na vontade de Deus.

Isso fica evidente na obra "Vidas Secas", onde o sertanejo Fabiano encara sua condição social como algo fundado na vontade divina. Para ele, Deus está em tudo o que lhe acontece.

Suspirava atijando o fogo com o cabo da quenga de coco. Deus não permitiria que se sucedesse tal desgraça.... Deus protegeria a família.⁴

³ MARX, K. op. cit. p. 37

⁴ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*, São Paulo, Record. 2002, p. 66

A vida na fazenda tornava difícil. Sinha Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperada...no céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco, pedindo a Deus um milagre.⁵

Percebemos assim, que Fabiano transfere para o seu criador a responsabilidade de seu destino. Põe-se em suas mãos para que guie o seu futuro para o bem e o livre das desgraças que o cercam. Com isso, observamos que com sua ingenuidade, o sertanejo não percebe o lugar que ocupa na estrutura social e assim mantém e reproduz esse sistema e que mais uma vez a ideologia burguesa mascara a realidade.

⁵ RAMOS, G. op. cit. p. 116

DO REGIONAL AO UNIVERSAL

O fragor da Semana da Arte Moderna, espalhou-se por toda a parte, como que anunciava as mudanças que esse ano-chave trazia no âmago, juntamente com a celebração do centenário da independência. Em março, realizam-se as eleições presidenciais, saindo vencedor Arthur Bernardes, e fundou-se o partido comunista após um período (1917-1920) de greves operárias.

Em cinco de julho de um mil novecentos e vinte e dois, conforme relata um historiador da república, sublima-se o forte da igrejinha, em Copacabana, e amotinava-se a escola militar, contanto naturalmente com a adesão de forças do exército. A fortaleza revoltada dispara alguns tiros contra pontos estratégicos da cidade. Reage o governo com a maioria das tropas que lhe eram fiéis e com os vasos de guerra. Bombardeado, o forte rendia-se; eram igualmente sufocados levantes na escola militar e em alguns quartéis.

Passados dois anos, em cinco de julho de um mil novecentos e vinte e quatro, estouraria em São Paulo uma revolução, contra o governo federal, comandada pelo general Isidoro Dias Lopes. Pouco mais de três semanas eram decorridos quando rebeldes se retiraram para Bauru, indo juntar-se a Luís Carlos Prestes, que também se revoltara em Alegrete, Rio Grande do Sul, formando a coluna Prestes, a qual após percorrer o país, se embrenharia pela Bolívia, em 1926. Ao mesmo tempo, e por decorrência da revolução Paulista, outras forças de sedição se organizaram no Amazonas, em vinte e três de julho, durante trinta dias, ocasião em que várias medidas de caráter social foram tomadas pela Comuna de Manaus; e no Rio Grande do Sul, em fins de outubro, sob o comando de Luís Carlos Prestes, João Francisco Honório de Lemos e Siqueira Campos.

Tais insurreições vinham na vaga do tenentismo, como se chamou o movimento dos tenentes, inaugurado em 1922, e extinto em 1935, com a Intentona Comunista, nesse intervalo duas datas merecem destaque, em torno dos acontecimentos que constituem prolongamentos de 1922 e 1924; a Revolução de trinta, mercê da qual Getúlio Vargas depôs Washington Luís e assumiu o poder; o político gaúcho

candidatara-se juntamente com Júlio Prestes, e saíra derrotado nas urnas; a aliança liberal, que apoiava, insatisfeita com o resultado, decidiu-se pela via revolucionária, deflagrada a revolução em três de outubro daquele ano e erradicando-se do Rio Grande do Sul para o resto do país, em vinte e quatro do mesmo mês Washington Luís é deposto e o governo é entregue a Getúlio Vargas. Findava assim a primeira República ou República Velha.

Em 1932, novamente São Paulo é palco de uma revolução, desta vez contra Getúlio Vargas que agia com atos antipáticos contra os paulistas, somando-se a isso a morte de alguns estudantes foi o que faltava para instaurar outra rebelião que enfrentou tropas federais. Conquanto derrotados, seu ideal saiu vitorioso em dezesseis de julho de um mil novecentos e trinta e quatro, promulgava-se a constituição vigente até dez de novembro de um mil novecentos e trinta e sete, quando Getúlio Vargas, mediante um golpe de Estado instaura o Estado Novo.

O movimento modernista, que se encontrou na raiz e no centro desses acontecimentos não ficou imune à sua influência, evoluindo desde sua instauração ao longo de três períodos, iniciando-se em 1922, com a Semana da Arte Moderna, o primeiro momento modernista, reuniu diversos intelectuais de São Paulo, devido à iniciativa de Graça Aranha, nesse período destacaram-se na música nomes como: Vila Lobos, Guimaraes Novaes, Ernau Braga e outros, na Literatura: Mário e Oswald de Andrade, Ronaldo de Carvalho, Menotti Del Pichia, na escultura: Victor Brecheret e outros, na pintura: Anita Malfatti, Di Cavalcanti e outros. E por fim na arquitetura: A. Maya.

A Semana da Arte Moderna foi considerada um marco, uma ruptura em relação a toda a tradição intelectual, Mário e Oswald de Andrade são considerados os líderes do movimento, o primeiro pela coerência das posições teóricas e também pelos exemplos de Modernismo dados nos poemas, e o segundo por ter uma postura anarquista, agitadora, inquieta e irreverente, através do qual foi promovendo, nos jornais e nas famosas reuniões onde se discutia o Modernismo.

É bom lembrar, que a Semana de Arte Moderna não foi só tranquilidade, houve momentos de muitas confusões, no dia treze por exemplo Vilas Lobos foi vaiado pelo público, ao reger duas composições de sua autoria. No dia quinze, a palestra de Menotti Del Pichia, ilustrada por poesias e trechos de prosas de Oswald e Mário de Andrade, ocorreu entre “relinchos ” e “miados”. As telas de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro, as esculturas de Victor Brecheret, os projetos arquitetônicos

Modernistas expostos no saguão do teatro também causaram reações de espanto e indagações. Assim a Semana de Arte Moderna foi encerrada no dia dezessete por falta de público.

O segundo momento Modernista desenrola-se aproximadamente entre 1928, quando se publicaram várias obras que anunciam a um só tempo o fastígio do decênio iconoclasta do modernismo e o ingresso na fase madura de construção, em 1945 quando surge a chamada “Geração de 45” sem prejuízo da produção anterior, a qual despontou contribuições definitivas agora a atividade literária alcança seus pontos altos dentro das coordenadas da modernidade. O caráter construtivo da geração tem face dupla, do ponto de vista estrutural, caracteriza-se por uma valorização de determinadas formas tradicionais, como o soneto, e ainda, por atenuações do vanguardismo dos primeiros modernistas, conciliando a combatividade de sua linguagem com a necessidade de polissemia, de riqueza de significados, inerente ao texto literário. Do ponto de vista dos conteúdos, dos significados, a preocupação nacionalista que foi uma das tônicas principais dos representantes da “Semana”, aprofundou-se e adquiriu novo rigor, na medida em que o Brasil passa a ser visto não em “si” mas no contexto universal do sistema capitalista de que faz parte.

Construções e dimensões universalistas são, portanto, os elementos fundamentais de nossa Segunda geração modernista, cujos poetas e escritores mais expressivos são: Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade e por último nosso eterno romancista Graciliano Ramos, considerado o maior representante da geração nacionalista nordestina, seus romances tratam tanto do social, da miséria, da fome, da seca, do latifúndio, como da opressão, do medo, da angústia etc. A obra “Vidas Secas” trata-se de um romance de cunho crítico, em que conseguiu realizar a expressão literária de dimensão política, universal, de nossos problemas aparentemente locais.

Já a terceira geração modernista inicia-se após o Estado Novo (1937-1945), caracterizado pela ditadura de Vargas, o país passa por um processo de redemocratização através de uma política populista. De um lado esta política acentua a intervenção do Estado na economia e, de outro, permite a introdução das multinacionais, inserindo definitivamente o Brasil no contexto do capitalismo internacional.

Do ponto de vista literário, há um retrocesso em relação às conquistas de vinte e dois, uma volta ao passado com a revalorização da rima, da métrica, do vocabulário erudito e das referências mitológicas.

A geração de quarenta e cinco, é então, considerada passadista, acadêmica, inexpressiva em termos de grandes autores e obras, mesmo abordando temas contemporâneos. Domingos Carvalho da Silva, Geir Campos, Pericles Eugênio da Silva Ramos e Ledo Ivo, constituem seus principais representantes.

Temos ainda quatro grandes criadores isolados, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto e João Guimarães Rosa, para eles deve existir harmonia entre pensar e o sentir, o sentir e o imaginar, quando se produz Literatura, o que implica numa idéia-síntese especialmente percebida por alguns modernistas, de que a atividade literária é, antes de tudo, um exercício, uma constante pesquisa de linguagem, tais escritores também têm em comum o sentido do compromisso entre a arte e a realidade, o engajamento do escritor e de sua obra na vida social, tão debatido ao longo da perspectiva nacionalista da primeira fase do Modernismo, a geração de vinte e dois, e da perspectiva universalista da Segunda fase do Modernismo a geração de trinta.

Podemos, então, considera-los uma espécie de síntese de ambas as gerações, já que ao experimentalismo da primeira acrescentam a maturidade artística da Segunda, unindo também, nacionalismo e universalismo.

QUESTÕES SOCIOLOGICA EM VIDAS SECAS

“Vidas Secas”, é assim que Graciliano Ramos caracteriza seus personagens, uma família de nordestinos que enfrentam no dia-a-dia situações limites. A realidade dessa família é cruel: fome, exploração econômica, pobreza, seca, desumanidade, enfim uma realidade caracterizada pela total falta de respeito com o ser humano.

O sertanejo luta sozinho contra o flagelo da seca, procurando uma saída no silêncio da paisagem deserta.

Na verdade o que Fabiano e tantos outros nordestinos desejam é deixar de ser nômades, é ter um lugar para morar e um trabalho que os tornem “homens”, mas isso raramente acontece, assim como Fabiano o nordestino encontra pela frente somente uma tapera⁶ para morar e um emprego provisório, no qual têm que se submeter a exploração para adiar a morte. *Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.*⁷ O homem do nordeste aparece quase sempre como um ser explorado, por isso o sentido do romance é a mensagem social, mensagem de um povo esquecido, quase indigente. É assim que Graciliano Ramos apresenta-nos suas personagens, *Miudinhos. Perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarram-se somaram as suas desgraças e seus pavores.*⁸ Com tantas dificuldades e angústias a “vida” destes retirantes vai se secando assim como a terra que pisam, deixando o homem quase no mesmo patamar de igualdade com as plantas e bichos que os cercam.

Há quem pense que a pobreza da família de Fabiano está relacionada com fatores regionais como a seca, porém acreditamos que a pobreza que domina a região nordestina é o resultado de uma série de fatores que são mais de origem sócio-político do que física.

Segundo Andrichetti⁹, a seca faz parte da história do nordeste, o problema tem sido registrado desde o início de sua colonização, data de 1559 a primeira referência de uma seca ocorrida no interior da Bahia. De modo geral, quase todos os problemas do nordeste são atribuídos às diversidade climáticas, a ausência ou escassez das chuvas,

⁶ 1. Habitação ou aldeia abandonada. 2 Casa arruinada – Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

⁷ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*, São Paulo:Record, 2002 p. 24

⁸ Idem, *Ibidem* p. 13

porém não podemos responsabilizar a seca pela pobreza, pois as condições econômicas e políticas é que determinam a intensidade do flagelo social vivida pelos personagens.

Na obra “Vidas Secas”, Graciliano Ramos, descreve a paisagem nordestina, através de capítulos fotográficos que revelam a realidade dura, quase cruel de uma família de nordestinos em busca de um lugar para viver. O sol castiga, o calor, a sede e a fome aliados ao cansaço pela caminhada são obstáculos que rodeiam a família.

*A catinga estendia-se de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas eram ossadas. O voo negro dos urubus faziam círculos altos em redor de bichos moribundos*⁹

Graciliano Ramos utiliza a cor local, uma paisagem de cor cinzenta e triste para mostrar a vida do nordestino, vida que só lhe proporciona seca, miséria, doença e escravidão a poderosos. Vida que está condicionada a uma estrutura social.

A seca e a miséria tão bem descritas por Graciliano Ramos existe sim, no entanto o nordeste não é só isso, esta região tem uma grande importância econômica e social. De acordo com Andrade ¹¹, o nordeste tem uma extensão territorial de mais de um milhão e meio de quilômetros quadrado, é habitado por cerca de 28,6% da população brasileira.

Com tal extensão, dispõe de riquezas ponderáveis em seu solo e subsolo, sendo um grande produtor de açúcar-de-cana e de álcool, de cacau, de fumo, de algodão, de soja e de cera de carnaúba; possui um ponderável rebanho e dispõe de recursos minerais expressivos em petróleo, sal marinho, sal-gema, xilita, minério de ferro, manganês, cobre etc.

Existem ainda recursos hídricos, com os quais o nordeste pode contar. Há no subsolo um enorme lençol capaz de fornecer anualmente cerca de 9 bilhões de metros cúbicos de água, existem, mais de vinte mil poços que representam um bilhão de metros cúbicos de água por ano, e mais de sete mil açudes com capacidade de armazenar vinte bilhões de metros cúbicos de água.

Como podemos observar o nordeste é uma região rica, porque então está sendo habitada por uma população tão pobre?

O que percebemos é que as condições de vida do nordestino, bem como as dos personagens de “Vida Secas” não está relacionada a problemas de ordem física e

⁹ ANDRIGHETTI, Yná, *Nordeste: Mito e Realidade*, São Paulo: Moderna, 1998. p. 8

¹⁰ RAMOS, G. op. Cit p. 9-10

geográfica, como a seca, fator tão divulgado e explorado por uma minoria, preocupada apenas em tirar proveito da situação. Com isso concluímos que a seca é boa para uma determinada classe social do país, entre eles pelos governadores, prefeitos e demais políticos que se utilizam dela para fins eleitorais. *Em ano eleitoral, distribuir cestas básicas e água em caminhão-pipa rende , mais votos do que tomar providências sérias para melhorar as condições de vida da população.*¹² Esse jogo político engana e ludibria o povo que com sua ingenuidade torna-se “massa de manobra” nas mãos de políticos corruptos, que na época de eleição trocam o favor pelo voto.

Conforme Andrigetti¹³, no século XIX e início do século XX, durante a chamada República Velha. Existiu uma série de expressões que se aplicavam ao jogo de poder e ao processo eleitoral da região, tais como: “coronelismo”, “currais eleitorais”, “votos de cabresto” dentre outros. No jogo de poder local, uma das figuras mais importantes é o coronel, esse termo surgiu em 1831, no período regencial, com a criação da guarda nacional, uma milícia organizada em todo o país pelo governo central. Integrada por oficiais militares, proprietários de terras, comerciantes e outras “pessoas de posses”, a guarda nacional destinava-se a manter a ordem no campo, e assegurar o regime de trabalho escravo.

A patente de coronel da guarda nacional foi geralmente reservada aos grandes fazendeiros e chefes políticos municipais de todo o país. Ela se aplicou como uma luva aos latifundiários do sertão, detentores do poder político e econômico em suas regiões e líderes da sociedade.

Já nos primeiros anos de regime republicano, os coronéis detinham o poder de influir na política estadual e federal, graças aos votos que conseguiam para eleger os candidatos e à fidelidade que dedicavam ao governo. Eles representavam portanto, a maior expressão de autoridade local.

Os coronéis (geralmente fazendeiros) dispunham de bandos armados de jagunços e cangaceiros para defender suas terras e para reprimir agricultores pobres que ousassem rebelar. A relação entre o camponês e os coronéis era de total dependência, em troca de proteção e do favor de residir na fazenda, o camponês em época de eleição era obrigado votar no candidato do patrão. “voto de cabresto”, como essa relação se estabelecia a partir das fazendas de gados, surgiu o termo “curral eleitoral”.

¹¹ ANDRADE, Correia Manuel de. o nordeste e a questão regional, São Paulo: Ática, 1993 p. 13

¹² ANDRIGHETTI, Y. op. Cit p. 45

¹³ Idem. Ibidem p. 42-3

Como podemos perceber a seca não é apenas um fenômeno natural, mas também cultural, pois faz parte de uma cultura baseada no privilégio, utilizada por fazendeiros, políticos e detentores do capital para a obtenção de vantagens e o próprio enriquecimento. A verdade é que a política governamental em relação a seca nunca esteve voltada para o interesse do povo, do trabalhador rural, e sim para o interesse das oligarquias latifundiárias locais, detentora do poder econômico que está estreitamente associada aos detentores do poder político.

E assim... ano sim, ano não o nordeste se transforma em 'prioridade nacional. Desse modo, a seca alimenta continuamente a indústria da seca. A seca, portanto precisa continuar.¹⁴

Com isso percebemos que há um abismo entre o sertanejo e o Estado, que de acordo com Marx¹⁵ é concebido como uma “máquina” de repressão que permite as classes dominantes (no século XIX a classe burguesa e a classe de grandes latifundiários) assegurar a sua dominação sobre a classe operária, para submetê-la ao processo de extorsão da mais-valia (quer dizer, a exploração capitalista).

O tema da injustiça social da submissão pela força é explorada na obra “Vidas Secas”, em dois momentos, primeiro no entre choque Fabiano e soldado Amarelo, no qual Althusser¹⁶, mostra-nos como os aparelhos repressivos do Estado (polícia, tribunais, prisões, exército etc.) agem através da violência física para garantir sua própria coesão e reprodução como para divulgar os “valores” por eles propostos.

No capítulo “Cadeia” Fabiano vai a cidade comprar mantimentos, bebe um pouco, e nisso é convidado pelo soldado Amarelo (adjetivo referente a farda que é signo de autoridade e que portanto intimida o vaqueiro) a jogar cartas. O soldado furta Fabiano no jogo e o vaqueiro indignado desacata a autoridade, que o leva preso.

Fabiano caiu de joelhos, repentinamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram um porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto...¹⁷

Bateu a cabeça, apertou-a. que faziam aqueles sujeitos acocorados em torno do fogo? Que dizia aquele bêbado que se esgoelava como um doido, gastando o fôlego à toa? Sentiu vontade de gritar, de anunciar

¹⁴ Idem, Ibidem p. 56

¹⁵ MARX, Karl, *Sociologia*. São Paulo: Ática, p. 56

¹⁶ ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Grad, 1985 p. 62

¹⁷ RAMOS, G. op. cit p. 30

*no xadrez das mulheres chorava e arrenegava as pulgas. Rapariga da vida, certamente, de porta aberta. Essa também não prestava para nada. Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. Ele, os homens bêbados, a mulher das pulgas, tudo era uma lastima para agüentar facão.*¹⁸

Nestes trechos fica evidente qual é a posição do Estado em relação as classes menos favorecidas, o pobre, a prostituta, o bêbado, são pessoas excluídas pelo sistema que não busca eliminar injustiças sociais e sim destruir o pouco de dignidade que ainda lhe restam. Observamos ainda a alienação de Fabiano em relação ao Estado e acreditamos que é resultado de sua posição sócio econômica, e que devido a falta de meios para reagir contra a repressão torna-se um infeliz “vivendo” a margem da sociedade, marginalizado e desamparado por seus representantes políticos.

O segundo momento é no entre choque Fabiano e latifundiário, na qual percebemos a exploração de uma classe sobre a outra. O proprietário é quem dita tudo; ordens, salários, e o vaqueiro fica a mercê do dono da terra. É uma vida sem nada, sem dignidade, sem respeito, sem direitos, homens vivendo a beira da animalidade, dependendo sempre dos outros, humilhando-se para não perder a pequena oportunidade de trabalho, de sobrevivência.

*Pouco a pouco, o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Que chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.*¹⁹

*Não se conformou devia haver engano... com certeza havia erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim, no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria.*²⁰

*O patrão zangou-se repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. Ai Fabiano baixou a pancada e amunhecou.*²¹

As citações acima, deixa claro a situação geral do trabalhador que submete-se às condições que lhe são impostas, salário baixíssimo, jornada de trabalho excessiva, maus tratos, ou seja, mão de obra excedente tão útil e necessária ao sistema econômico.

¹⁸ RAMOS, G. op. cit. p. 37

¹⁹ Idem, Ibidem, p. 92-3

²⁰ Idem, Ibidem, p. 92-3

²¹ Idem, Ibidem, p. 92-3

tratos, ou seja, mão de obra excedente tão útil e necessária ao sistema econômico. Assim por trás da posse da terra esconde-se a posse do trabalhador, terra e trabalhador constituem-se patrimônio da elite do país. Portanto, o nordeste representa um celeiro de mão de obra barata para o poder local e nacional.

Isso poderia ser diferente se o trabalhador tivesse acesso a terra, pois acarretaria mudanças nas relações de trabalho, com menos trabalhadores no mercado, diminuiria a oferta de mão de obra e o salário seria impulsionado a subir, pois de acordo com Marx²², a produção continua de uma superpopulação relativa mantém a lei de oferta e da procura de trabalho e, portanto, o salário em harmonia com as necessidades de expansão do capital; e a coação surda das relações econômicas consolida o domínio do capitalista sobre o trabalhador.

Assim Graciliano Ramos, enfatiza a visão de uma sociedade capitalista que ressalta a constante preocupação que o homem tem de superar seu semelhante de embaraça-lo de aniquilá-lo. A mesma necessidade que um cão tem de derrotar outro cão para ficar com um pedaço de osso. Uma necessidade secular e repetitiva como pode constatar Fabiano, *Era um desgraçado, era um cachorro, só recebia ossos. Porque seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos?*²³

O autor mostra-nos ainda através de Fabiano como se assegura a reprodução do modo de produção capitalista, pois apesar de sofrer com a exploração do patrão, Fabiano deseja ensinar aos filhos a profissão que herdou de seus antepassados, pois acredita que não há possibilidade de mudanças no meio em que vive, assim para não sucumbir a fome, os filhos terão que submeter-se a exploração em troca de um salário.

*Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacarú para o gado. Concertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros virar tatus*²⁴

*Os meninos eram uns brutos como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado Amarelo*²⁵

Através de uma linguagem simples, o autor revela-nos a vida exterior e interior dessa família que sofre pelas condições materiais que a vida lhes impôs. Percebemos ainda a insegurança de Fabiano em relação ao futuro, preocupa-se com a educação dos

²² MARX, K.. op. Cit. p. 37

²³ RAMOS, G. op. cit. p. 96

²⁴ Idem. Ibidem, p. 24

²⁵ Idem. Ibidem, p. 38

filhos na profissão hereditária para não ter o mesmo destino de seu Tomás, assim a exploração do trabalhador é passada de geração a geração.

Além da profissão Fabiano transfere para os filhos mesmo que inconsciente, a opressão do meio social, assim os meninos são sempre tratados com impaciência e agressões pelos pais.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram. Sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

Anda condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se fechou os olhos, Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas...

Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém por sua desgraça.²⁶

Ao longo da narrativa outras formas de tratamento são direcionadas aos meninos como: sem vergonha, capeta, safado, desesperado etc. Isso mostra-nos que Fabiano e Sinhá Vitória sofrem com a discriminação social e não podendo descarregar a agressão nos verdadeiros culpados de suas desgraças voltam-se para os filhos, que assim como eles não conseguem reagir as agressões por serem a parte mais fraca. Com isso os pais perpetuam nos filhos a ideologia de que manda quem for mais forte, uma ideologia que a classe dominante os inculcou.

Assim os meninos são a repetição dos pais, como de fato os pais são a repetição monótona de seus antepassados sobre a mesma pauta de miséria. Há nisso uma sensação de eterno retorno fornecido pelo ciclo vicioso onde se instaura a reprodução dos meios de produção.

Como vimos a história do nordeste é marcada por um verdadeiro jogo de interesses, o poder sai das mãos dos “coronéis” passa para os políticos e retorna aos latifundiários. Assim as migrações não são resultado de escolhas individuais, antes decorrem de estruturas sociais, econômicas e políticas. Portanto não é a seca que provoca a migração, ela apenas determina o momento em que o sertanejo deve partir.

O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam bebiam e como em redor do rio não havia comida, seguiam para o sul. O casal agoniado sonhava

²⁶. RAMOS, G. op. cit. p. 90

*desgraças. O sol chupava os poços e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado*²⁷

*Seria necessário mudar-se? Apesar de saber perfeitamente que era necessário, agarrou-se a esperanças frágeis. Talvez a seca não viesse, talvez chovesse. Aqueles malditos bichos é que lhe faziam medo. Procurou esquecê-los. Mas como poderia esquecê-los se estavam ali, voando-lhe em torno da cabeça, agitando-se na lama, empoleirados nos galhos se não fosse eles a seca não existiria. pelo menos não existiria naquele momento: viria depois, seriam mais curta. Assim começava logo e Fabiano sentia-se como se ela tivesse chegado, experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas.*²⁸

É assim que Graciliano Ramos encerra seu romance, “Vidas Secas”, com Fabiano e a família dirigindo-se rumo ao Sul, sonhando com dias melhores, esperanças mescladas a dúvidas e incertezas. *E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias.*²⁹

Como vimos à família na sociedade capitalista desempenha um papel determinante na reprodução do modo de produção, bem como todos os aparelhos ideológicos do Estado. Portanto a burguesia estabeleceu como seu aparelho ideológico de Estado número um, e portando dominante, o aparelho escolar, que, na realidade substitui o antigo aparelho ideológico de Estado dominante, a igreja, em suas funções, como inculcar valores da classe dominante. Assim segundo Althusser, o par escola-família substitui o par igreja-família.

Constamos assim, que os personagens de “Vidas Secas” como muitos outros trabalhadores encontram-se alienados a esse sistema que os exploram e os configuram como seres degradados por um complexo social desumanizador.

Expulso de sua terra natal em busca de um sonho o nordestino vai engrossar a massa de desempregados nos grandes centros urbanos, pois segundo Andrighetti as migrações em nosso país, aconteceram de modo desorganizado e caótico, acarretando, como era previsível, inúmeros problemas não apenas no local de partida, mas também no ponto de chegada.

Embora sofra com a seca, a fome e o flagelo social, o nordestino não quer deixar sua terra natal, ao fazer isso leva consigo sentimentos de dor, saudade, angústia e medo.

²⁷ Idem, Ibidem p 108

²⁸ Idem. Ibidem. p. 90

Fabiano estremeceu, voltou-se estirou os olhos em direção à fazenda abandonada. Recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança. Que fazia ali virado para trás? Os animais estavam mortos. Encarquilhou as pálpebras contendo as lágrimas, uma grande saudade espremeu-lhe o coração³⁰

E assim, o drama do primeiro capítulo se repete no último, formando um anel que fecha a vida dos retirantes, um círculo vicioso que esmaga a vida dessa pobre gente. Graciliano Ramos deixa ainda um alerta a respeito das conseqüências que o poder político e econômico do país causam na classe trabalhadora. “E o Sertão continuaria a mandar gente para lá. Mandaria para cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos”.

²⁹ Idem. Ibidem p. 26

³⁰ Idem. Ibidem p. 120

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Andrighetti o principal destino do migrante são as cidades, os deslocamentos contribuíram para acelerar a urbanização e o “inchaço” das metrópoles. O resultado foi a queda da qualidade de vida de seus habitantes. Em função disso, passou-se a responsabilizar a migrante pela enorme gama de problemas sociais. Na verdade a crise social urbana que hoje se materializa nas péssimas condições de vida a que é submetida a classe trabalhadora resulta do modelo econômico adotado pelo país e não da presença do migrante.

Negar tal relação não decorre unicamente ao desconhecimento dos fatos. Faz parte do procedimento ideológico que visa esconder o marcante contraste entre uma camada que desfruta de todos os bens e serviços que a estrutura social pode oferecer, e a maioria que vive à margem desta estrutura.

E, então, o migrante, de vítima de um sistema excludente e injusto, passa a ser responsável pelo caos urbano. Em sua pouca bagagem ele carrega o estigma de ser um importuno, um despossuído, um preguiçoso. O próprio sistema que produziu o migrante não consegue absorver a totalidade dessa mão de obra que vai permanecer desempregada nas metrópoles.

Face ao exposto, percebemos que os personagens de “Vidas Secas”, representam o homem desprovido de cidadania, que está vivendo nos dias atuais neste “sertão”, nesta falta de valorização e respeito a sua identidade, onde ser “forte como bicho” faz-se necessário.

Desse modo não podemos conceber vidas secas como uma obra regionalista, que trata apenas de problemas locais, como a seca, mas como uma obra de cunho universal, uma vez que tematiza questões referentes à humanidade. O Homem em busca de libertar-se do ciclo de reprodução dessa estrutura social que o oprime e o animaliza.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*, Rio de Janeiro: Grad, 1985.

ANDRADE, Manoel Correia de. *O Nordeste e a questão Regional*, São Paulo: Ática, 1993.

ANDRIGHETTI, Yná. *Nordeste: Mito & Realidade*, São Paulo: Moderna, 1998.

HARNECHER, Marta. *Os conceitos elementares do materialismo histórico*. 2ed. São Paulo: Global.1983.

BAKHTIN, Mikhtin. *Marxismo e Filosofia da linguagem*, São Paulo: Hucitec, 1995.

MARX, Karl, *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1992.

MOISES, Massuad. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1983-1989.

Ramos, Graciliano. *Vida Secas*, São Paulo: Record, 2002.

VITA, Álvaro de. *Sociologia da Sociedade Brasileira*, São Paulo: Ática, 1999.